

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**,
Tradução Silvana Finzi Foá, São Paulo, Xamã, 1996.

Por Maria Luiza de Lima Vitule²

No final do século XX o mundo se transforma novamente. Os desdobramentos do capitalismo em sua forma de acumular riquezas, desafiam a prática e o pensamento social. Novas possibilidades trazidas pela ciência e pela técnica transformam as condições de existência social de indivíduos e coletividades, em todo o planeta. Os sistemas de comunicação por satélite e por cabo, aliados às novas tecnologias de informação e à microeletrônica, possibilitam a conexão em tempo real, dos mercados, das finanças e da produção. As transformações que estão ocorrendo no interior do capitalismo inauguram, de forma intensa ou mediatizada, uma nova forma de estar no mundo. Chesnais, ao tratar esse processo em curso, privilegia em sua análise o movimento do capital financeiro, que tem como cenário o mundo. De acordo com ele:

"A mundialização é o resultado de *dois* movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas *distintos*. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase de acumulação ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu desde 1914. O segundo diz respeito às políticas de liberalização, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento de conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início da década de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan." (p.34)

A centralização do capital aliada à descentralização das operações produtivas, comerciais e financeiras, reorganizam a economia e a geopolítica do mundo. Neste contexto, os grupos industriais multinacionais ganham força, introduzindo novas formas de gestão e de controle do trabalho, da produção e dos mercados. Chesnais utiliza a noção de oligopólio mundial para tratar a forma pela qual as grandes firmas se organizam ao redor do mundo: a partir de um espaço de "rivalidade industrial" - espaço definido pela concorrência, mas também pela colaboração entre os grupos. É esse o espaço da ocorrência de relações diversificadas, que articulam o investimento externo direto - IED, aos grandes grupos multinacionais. O investimento estrangeiro na economia mundial não é um fato novo. Mas, como assinala Chesnais:

2 Doutora pela Universidade Estadual de Campinas. Professora de Sociologia na Universidade São Marcos-SP.

"Na verdade, o papel cumprido pelos investimentos estrangeiros, desde o fim do século XIX, na determinação das especializações comerciais dos vários países ou regiões do mundo sempre foi menosprezado ou fortemente subestimado." (p.47)

O IED assume outros significado e outras formas, a partir dos anos oitenta deste século. É quando se verificam formas de articulação diversas entre os grupos industriais, comerciais e financeiros, tais como: aquisições, fusões, parcerias, consórcios etc. entre eles. Os investimentos externos diretos são potencialmente criadores de novas capacitações tecnológicas, organizacionais e produtivas, que vão de encontro às solicitações do regime de acumulação flexível, em que a especialização e a flexibilização da produção e do mercado se destacam.

A noção de grupo é uma noção importante na reflexão de Chesnais. O grupo é tratado como suporte operacional das diversas relações técnicas, financeiras, comerciais, produtivas e organizacionais que movimentam o capital no mundo. É o grupo que possibilita a passagem do oligopólio doméstico para o oligopólio mundial. Para Chesnais:

"... a empresa-rede apresenta-se então, não como uma 'ruptura' com as hierarquias e a internalização, mas antes como uma nova forma de organizar e de gerenciar essas hierarquias, bem como de maximizar as possibilidades de 'internalizar' as 'externalidades' (isto é, as vantagens externas, no sentido de Alfred Marshall), proporcionadas pelo funcionamento da rede." (p.109)

E ainda:

"As indústrias caracterizadas por estruturas de oligopólio mundial são aquelas em que 'as quebras na cadeia mundial de dependência recíproca' entre os oligopólios deram lugar a uma situação na qual a 'interdependência' (entre oligopólios) 'transcende' tranquilamente as fronteiras nacionais. Essa situação nova não é produto da 'estratégia' de uma empresa, nem sequer de várias. Representa o resultado de um movimento de conjunto, no qual os acontecimentos políticos cumpriram um papel muito importante. As estratégias das companhias integraram-se como componentes desse movimento, que foi se tornando uma avalanche, à medida que cada grande grupo começou a entender as novas regras do jogo e, conseqüentemente, a desenvolver seus investimentos no exterior." (p.116)

A concorrência mundial afeta as empresas, quer no âmbito local, nacional, regional ou internacional. Seu caráter oligopólico relaciona-se diretamente à dependência mútua de mercado, em que os grupos auferem vantagens a partir de diferenças geográficas, salariais, legais, fiscais, alfandegárias, entre

outras. Chesnais caracteriza a concorrência mundializada a partir de três níveis, considerados essenciais:

- Nível das vantagens próprias do país de origem.
- Nível das aquisições de insumos estratégicos à produção - matérias primas estratégicas e insumos científicos e tecnológicos, organizado mundialmente.
- Nível de atividades correntes de produção e de comercialização.

A partir desse três níveis, é tecida mundialmente a geo-política de integração industrial, comercial, financeira e produtiva dos grupos multinacionais. Neste cenário, processos interativos entre empresas, grupos e governos, fundam-se na inovação e na competitividade, na cooperação e na concorrência. O autor nos diz que:

"Os dez últimos anos foram marcados pela formação de vastas zonas que combinam as vantagens da livre circulação de mercadorias e da persistência (ou mesmo da recomposição e intensificação) de formas de desigualdades entre países e regiões, ou locais de tipo particularmente atraente para as empresas." (p.129)

E considera que:

"...Num contexto de rápida mudança tecnológica, os acordos de cooperação e as alianças estratégicas são um meio que permite às empresas, minimizando riscos e mantendo a possibilidade de se descomprometerem, obter os recursos complementares e insumos tecnológicos essenciais. São também um dos principais instrumentos das políticas de competitividade." (p.143-4)

O setor de serviços é pensado por Chesnais como "nova fronteira para a mundialização do capital", notadamente os serviços financeiros, de seguros e imobiliário. O capital mundializado é, por definição, intensivo em serviços. Verifica-se também, um movimento novo, que transfere para a esfera do mercado, atividades que anteriormente diziam respeito à esfera do Estado. A desregulamentação e privatização dos serviços públicos são um exemplo nesse sentido. Neste movimento, o investimento externo direto, realizado a partir da comercialização de serviços diversos, desempenha papel importante na manutenção e conquista de novos mercados. Assim,

"São os IED e as estratégias de localização escolhidas pelas multinacionais que comandam parte importantíssima dos fluxos transfronteiras de mercadorias e serviços, contribuindo fortemente para modelar a estrutura do sistema de intercâmbio." (p.212)

Os grandes grupos industriais ou de serviços, são os principais responsáveis pela estreita vinculação que se verifica atualmente, entre os setores produtivos e financeiros. A mundialização do capital é hoje um elemento constitutivo e de extrema importância, para as diversas operações que esses

grupos realizam. A interpenetração dos setores produtivo e financeiro ocorre a partir de procedimentos diversificados. Entretanto, Chesnais chama a atenção para um traço que distingue os grupos multinacionais: o da internacionalização de um leque de operações financeiras que se realizam no interior do grupo. Este fato leva a constituição de um mercado financeiro interno ao grupo, que, por sua vez, é internacionalizado, como o próprio grupo. A esfera financeira, segundo a feliz figura de imagem utilizada por Chesnais, representa uma "ponte avançada" no movimento de mundialização do capital.